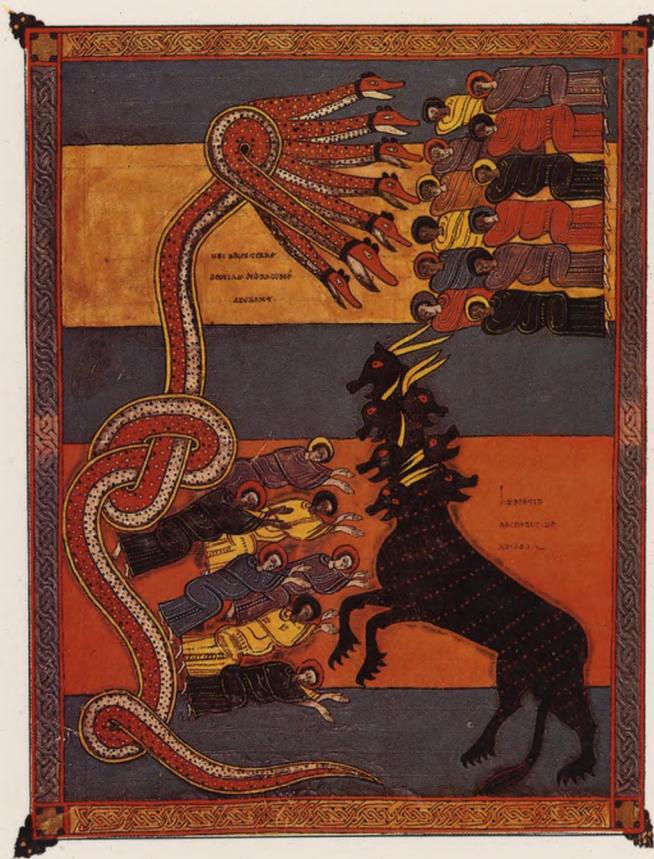


# ⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

## ALGUMAS NOTAS SOBRE O TSOLARXO' DE BENEDETTO BORDONE

1. O estudo do «*Isolario* de Benedetto Bordone» 0) levanta um grande número de questões de diversa ordem; de entre elas distingo quatro problemas, que considero essenciais e que estão, de certo modo, inter-relacionados:

- a) o das fontes a que o Autor recorreu, não só para os topónimos que insere nos seus desenhos, como ainda para as informações que sobre os lugares representados presta ao longo do texto;
- b) a origem dos seus desenhos, em que logo à primeira vista parece dominante a influência medieval — até por neles apenas considerar oito rumos;
- c) o cruzamento, que é evidente, de informações tradicionais com dados adquiridos pelas viagens transoceânicas dos séculos XV e XVI; e,
- d) por último, a falta de coerência por vezes verificada entre texto e desenho, ou mesmo entre desenhos distintos referentes à mesma área da Terra. \*

\* Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

C<sup>1</sup>) A primeira edição, de 1528, intitula-se *Libro de Benedetto Bordone, Nel quai si ragiona de tutte VInsula del mondo con li lor nosni antichi & moderni, historie, fauole, & modi del loro uiuere, & en qual parte del mare stanno, & in qual parallelo & clima giacciono*; foi reproduzida fac-similarmente na colecção *Theatrum Orbis Terrarum* (Series of Atlases in facsimile), Third Series, Vol. I, Amsterdam, 1966, com uma introdução de R. A. Skelton. Para os meus comentários recorri à edição (actualizada) de 1547, que já tem um título mais adequado: *Isolario de Benedetto Bordone, etc.* (repete o restante título anterior), e termina com a indicação *Ricoreto, & di NUOVO ristampato. Con la gionta del Monte del Oro nouamente ritrouato.*

Sem abordar o ponto indicado em a), que a professora Carmen Radulet se dedica neste momento a aprofundar, as presentes «notas de leitura» visam, sem qualquer preocupação de se tornarem exaustivas, alguns dos aspectos dos outros três pontos. Pedimos ao leitor que as considere como apontamentos avulsos, redigidos ao sabor das impressões colhidas numa primeira abordagem da obra, portanto sem o cuidado de uma ordenação precisa, que outro tipo de trabalho imporia.

A estas palavras introdutórias devo acrescentar que, como aliás já salientou R. A. Skelton, a obra de Bordone está decomposta em três partes ou livros, e que as minhas considerações incidirão apenas sobre o primeiro deles, que trata das ilhas Atlânticas. A última parte, em que, a meu ver, é mais incidente a influência de Ptolomeu, ocupa-se das ilhas do «Oceano Oriental» (índico) ; o livro intermédio é dedicado às massas insulares do Mediterrâneo, e o seu estudo requer, sem dúvida, uma análise muito detida.

Na introdução a uma recente edição facsimilar, R. A. Skelton, que a dirigiu do ponto de vista científico, afirma que este livro «segue... a forma tradicional e o estilo estabelecido pelos seus predecessores» (2). Aponta, entre outros, Buondelmonti, que viajou pelo Mediterrâneo Oriental, e depois dessa viagem escreveu uma *Descriptio insulae Cretae* (3) e um *Libri insularum Archipelagi*, reproduzido em número relativamente elevado de cópias durante o século XV; e o *Isolario* impresso em Veneza em 1485. da autoria do navegador Bartolomeu da li Sonetti, de que ainda existe pelo menos um manuscrito, no National Maritime Museum, de Greenwich. A estas obras, possíveis inspiradoras de Bordone, já antes acrescentara Almagiá o *Insularum Illustratum*, do cartógrafo Henricus Martelus Germanus, que correu manuscrito (4); este historiador italiano informou que conhecia duas copias da obra, encontrando-se uma delas na British Library (Manuscrito Add. 15760).

Seria muito interessante proceder a um estudo comparativo do livro de Bordone não só com estes trabalhos, mas também com o *Insulario* avulsamente incluído no chamado Manuscrito de Valentim Fernandes (5), que lhe é anterior, e com o *Insulário* de Alonso de Santa Cruz, que o seguiu de poucos

(2) Ob. cit. na nota anterior, p. V.

(3) Skelton informa que ele «forneceu o modelo para posteriores manuscritos e mapas impressos da ilha» de Creta.

(4) Roberto Almagiá, «Intorno aile carte e figurazione anessi all 'Isolario di Benedetto Bordone'», in *Maso Finiguerra*, Roma, 1937, p. 15.

(5) Ed. pela Academia Portuguesa de Historia, Lisboa, 1940.

anos <sup>(6)</sup>. Todavia, não é esse, de momento, o meu objectivo; como aliás já ficou dito, não desejo ir aqui além de notas soltas sobre as cartas e o texto de uma parte da obra do Autor quinzentista italiano, sobretudo para sublinhar como nele se sobrepõem dados de rotina com informações recentemente adquiridas, o que, do meu ponto de vista, prova a dificuldade de uma assimilação total das novidades geográficas, que a Europa recebia a cada momento. Direi ainda que o estudo comparado de vários textos relacionados com a Geografia e aparentados com o de Bordone, é aliciante — e sobretudo se procedermos a uma análise que, como venho de dizer, incida sobre o que neles era condescendência com as ideias tradicionais e o que é dado adquirido através das longas viagens marítimas chamadas «de descobrimento».

Já se reconhecerá que em Bordone a fronteira entre esses dois domínios nem sempre é clara — particularidade que também se torna notada nos outros trabalhos citados, com excepção do *Insulário* de Valentim Fernandes. Claro que estas dissonâncias só aparecem no género de obras que se poderão rotular de «eruditas», sem que esta qualificação envolva qualquer sentido pejorativo; todavia, eram sem dúvida eruditas as raízes da informação do Autor, embora retocadas, ou acopladas, aqui e além, com dados que vinham de homens com experiência de viagens.

Há, pois, duas correntes que vão incidir nas obras geográficas do século XVI: as que rompem com tudo o que no passado se escrevera ou desenhara e a experiência mostrara não corresponder de modo algum à verdade observada e verificada; e os textos — como o de Bordone — em que se procura manter um compromisso, por vezes quase incompreensível (como adiante se verá) entre os novos conhecimentos e o que ensinavam os textos medievais.

Considero que a primeira atitude se abre à perspectiva crítica que conduziu ao Renascimento, ou que nele participa; a segunda, mais acomodaticia, no seu respeito pelo passado, será a posição preferida pelo Humanismo, naquilo que ele teve de conservador, e a despeito da decisiva contribuição que prestou para o desenvolver do conhecimento, sem excluir, naturalmente, o suporte que deu à corrente renascentista.

Reconheço que a problemática aqui levantada pode e deve gerar controvérsias; mas, por isso mesmo, também cuido que

<sup>(6)</sup> Há duas edições recentes desta obra. A mais moderna está incluída nos tomos I e II de *Alonso de Santa Cruz y su obra Cosmográfica*, ed. e introd. de Mariano Cuesta, Madrid, 1983-1984.

deve ser abertamente posta e discutida. Para mim Humanismo e Renascimento são fases diferentes da evolução das mentalidades e da análise do real, embora a primeira corrente tenha contribuído de um modo directo e decisivo para a afirmação da segunda, através da divulgação, que fez, dos tesouros dos conhecimentos científicos da Antiguidade, que estiveram esquecidos, para não dizer sepultados, até ao século XIII, e que os humanistas estudaram e glosaram, mas apenas no quadro dos seus desígnios imediatos. Quero com isto dizer que esses homens se fecharam à aceitação de qualquer ideia renovadora dos textos herdados de latinos e gregos, e até mesmo recusavam o direito à sua análise crítica que implicasse a sua negação ou revisão; e Sá de Miranda, ou António Ferreira ou ainda, e sobretudo, Francisco da Holanda nos seus *Diálogos de Roma*, tipificam claramente tal posição de «timidez»; pelo contrário, um Pedro Nunes, quando corajosamente nega qualquer interesse ou qualquer justificação à astrologia, ou um Garcia da Orta, quando dirige abertamente remoques às figuras clássicas e gradas da história da terapêutica, mostram ser homens que se movem num mundo de horizontes muito mais largos, e certamente voltados para o futuro.

Advirto, de qualquer modo, que me coloco aqui numa perspectiva de qualquer historiador das ciências; do ponto de vista da história das religiões, outra vertente importante da evolução da mentalidade dos séculos XV e XVI, patenteia ser, segundo creio, bastante diferente do que ficou esboçado. Com efeito, aí foram os humanistas que tomaram a iniciativa de uma «revisão», de uma «reforma», ou até de um «regresso às origens purificadas», e o exemplo de Erasmo basta para o mostrar: neste campo os cientistas apenas seguiram a linha geral e, por vezes, sofreram a ressaca das reacções inevitáveis.

Todas estas considerações, aqui apresentadas de um modo sucinto e esquemático, exigiriam decerto mais amplo desenvolvimento. Que sejam tomadas apenas como um ponto de partida para uma análise decerto polémica, com o contributo de vários esclarecimentos complementares.

2. Regresso, por consequência, à obra de Benedetto Bordone, que tipifica, como já ficou dito e adiante se comprovará, a linha de compromisso entre o passado e o então presente. Benedetto Bordone foi editado em 1528, o que quer dizer ser pelo menos chocante que as ilhas atlânticas, por exemplo, não se encontrem distribuídas de acordo com certa cartografia da segunda metade do século XV, como a de Soligo e a de Benincasa, denunciadora de uma estreita relação entre os cartógrafos e os mais modernos conhecimentos geográficos. Com efeito, o

*Isolário* mantém nos seus desenhos ilhas fantásticas, ou «ilhas perdidas», que faziam parte de uma certa geografia extravagante da Idade Média, e nas cartas dos dois autores citados, bem como de muitos outros, quase inteiramente desapareceu, ou, pelo menos, nunca foi misturada com a cartografia de ilhas reais e recentemente conhecidas; cite-se, como exemplo, a carta do Códice Egerton 73 da British Library que, embora continuando a representar os falsos Açores do século XIV, esboça também, de modo aproximadamente correcto e com a toponímia dos *verdadeiros* Açores, em parte descobertos em 1427 ou 1432 por Diogo de Silves.

Em comprovação do que venho de dizer, é de notar que Bordone regista uma ilha do Brasil, («insula brazil»), entre outras, no arquipélago dos Açores. A história desta ilha é mais ou menos conhecida (7), mas está fora de dúvida que se inclui entre as ilhas fantásticas, que de cartógrafo para cartógrafo andaram errando pelas áreas menos frequentadas do Oceano Atlântico.

Por outro lado, as características dos desenhos cartográficos de Bordone parecem radicá-los nos contornos da *Cosmographia* ptolomaica — ou, para ser mais preciso, nos traçados das cartas que tinham ilustrado alguns códices e algumas das edições quatrocentistas da obra do geógrafo alexandrino. Neste sentido, é de salientar a distância que separa os seus delineamentos dos de Valentim Fernandes, muito embora as ilhas do *Insulário* deste último autor ainda respeitem claramente um traço tradicional, nomeadamente quanto à maneira paralela como ambos indicam os pontos cardeais principais. Mas, insisto: o tipo de desenho, em especial o recorte das costas e dos contornos das ilhas, e também, por vezes, as indicações toponímicas, aproximam muito o autor ou os autores das cartas do *Isolário* e dos desenhadores de algumas das cartas da Idade Média.

Além disso, parece-me claro que Bordone se preocupou sobretudo com uma representação enumerativa dos arquipélagos registados no seu livro, sem atender muito às suas reais configurações geográficas. Neste sentido posso apontar como exemplo típico a representação dos arquipélagos das Canárias e de Cabo Verde; estão reunidos na mesma lâmina, sem se ter em conta a disposição das ilhas que os compõem (aliás, só em parte representadas), e muito menos a distância que na realidade os separa.

(7) Luís de Albuquerque, *Estudos de História*, Vol. V, Coimbra, 1977, pp. 42-49.

Nas páginas iniciais da obra deparam-se-nos duas cartas da Europa e um planisfério, que devem ser atentamente estudados. Quanto ao planisfério, e pelo que respeita ao Oriente, em especial o Indústão e a Indochina, é claríssima a influência de Ptolomeu; quanto ao sub-continente da Índia é evidente pelo seu encurtamento a Sul, pela dimensão e pela disposição de Ceilão; quanto ao segundo, é clara a influência da área designada nas cartas do geógrafo alexandrino por Aurea Chersoneso. Esta influência dilui-se na costa da China, podendo além disso distinguir-se no desenho a representação da Península da Coreia, embora com evidente exagero da sua superfície. Noto também que os topónimos «il cataio» e «Índia ostra gange» procedem claramente de Marco Polo e de uma tradição medieval muito marcada.

Uma parte destes factos é de surpreender porque, a partir do planisfério dito de Cantino, datável com toda a segurança de 1502, os contornos do Indústão já estavam muito proximamente correctos, e a Indochina, embora extensamente alongada para Sul (atinge quase o trópico de Capricórnio!), apresenta uma configuração muito mais realista do que o desenho tradicional ptolomaico. Esse planisfério anónimo serviria, aliás, de modelo a várias cartas desenhadas na Europa na primeira metade do século XVI, como noutro lugar ficou provado <sup>(8)</sup>.

Verifica-se igualmente que o planisfério inclui uma já então ultrapassada representação da América do Sul («mundo novo») e da Terra do Lavrador («terra del laboratore»), como logo se conclui se compararmos o desenho com os de Diogo Ribeiro <sup>(9)</sup>, ou com os traçados do atlas de Lopo Homem-Reineis, de 1519 <sup>(10)</sup>. É curioso notar, entretanto, que na primeira das cartas deste atlas, em que também se designa a América do Sul por «Mundus Novus», há claras reminiscências de Ptolomeu na representação de uma larga terra austral, envolvendo os oceanos, que resultava duma retracção para Sul da terra que em Ptolomeu envolvia o Atlântico e o Índico e deles fazia mares interiores; pormenor que não é, de resto, exemplo único na Cartografia portuguesa do século XVI <sup>(X1)</sup>; em Bordone porém, e a despeito

<sup>(8)</sup> Luís de Albuquerque e J. Lopes Tavares, «Algumas observações sobre o Planisfério de 'Cantino'», in L. de Albuquerque, *Estudos de História*, Vol. IV, Coimbra, 1976, pp. 181-221.

<sup>(9)</sup> A. Cortesão e A. Teixeira da Mota, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Vol. I, Lisboa, 1960, Est. 39.

<sup>(10)</sup> *Idem*, Est. 16-24.

<sup>(11)</sup> Com efeito, a Terra Austral, de grande área, ainda aparece num planisfério de João Baptista Lavanha — Luís Teixeira, desenhado entre 1597 e 1612. *Portugaliae Monumenta Cartographia a*, Vol. IV, Est. 426.

da sua maior proximidade aparente aos modelos das edições de Ptolomeu, a «terra austral» desapareceu completamente: a Sul da América e da África, da Ilha de S. Lourenço e de outras ilhas míticas do índico, abre-se um largo mar sem qualquer continente ou massa insular.

3. Devo salientar, contudo, que, a meu parecer, Bordone dá claras indicações de ter consciência de que entre a Cartografia antiga e a do seu tempo (que, aliás, e como já ficou apontado, não respeitou inteiramente), havia significativas diferenças. Assim, e só para dar um exemplo, as duas tábuas que têm por título «inghilterra secondo moderni» e «inghilterra secondo tolomeo», são bastante diferentes a respeito de muitos pormenores; a primeira é, *grosso modo*, bastante mais aproximada da exactidão, mas é de reconhecer que ainda enferma de muitas deficiências<sup>(12)</sup>.

Vem a propósito referir de novo que a incidência ptolomaica em Bordone não é a única projecção tradicional na sua obra. Assim, Bordone no livro I do seu texto refere-se às Cassitérides, assim chamadas, segundo ele, pela «fertilidá del piombo» nelas existente, apoiando-se não só na autoridade de Ptolomeu, mas também na de Estrabão, que cita a par dele; aliás, adverte que alguns chamaram às Cassitérides as Ilhas Afortunadas, por consequência confundindo-as, segundo a mais comum identificação, com as Canárias; o que não deixa de ser estranhável, dado que nos seus desenhos os dois arquipélagos se distinguem, embora o primeiro fosse o que podemos chamar um conjunto híbrido de ilhas.

Com efeito: para Bordone o arquipélago das Cassitérides situar-se-ia ao largo do Cabo de Finisterra, tal qual como se vê em uma edição quatrocentista da *Cosmographia*<sup>(13)</sup>; mas os nomes das ilhas que o *Isolario* refere e na edição de Ptolomeu se omitiu no desenho, são, na sua maioria, ilhas açoreanas<sup>(14)</sup>.

<sup>(12)</sup> Bordone segue, portanto, o exemplo de apresentar «tabulae novae» em confronto com as ptolomaicas; o exemplo vinha já de alguns manuscritos da *Cosmografia*, mas estava então muito em evidência, desde as primeiras edições quinhentistas do geógrafo alexandrino, que adoptaram a dupla representação.

<sup>(13)</sup> *Cosmographia*, Roma, 1478; nesta edição as «Catiterides insule», num total de dez, situam-se a poente do Cabo Finisterra, dispostas num conjunto de forma circular, e sem nomes.

<sup>(14)</sup> É de notar que na edição de 1513 da obra ptolomaica, que já traz uma razoável representação das Canárias e também de S. Tomé e de Príncipe, ainda as Cassitérides aparecem, com uma configuração algo diferente, mas também inominadas.

Na verdade, figurara do verdadeiro arquipélago atlântico Faial, S. Jorge, Pico, Graciosa, S. Miguel e Ilha de Cristo (Terceira); e, para além delas, as ilhas denominadas «Catheride [= Cassiteride] insula», «S. Martino», «Zizara» e «Priore».

Haverá aqui discordância em relação a Ptolomeu (como já disse, as suas tábuas não dão nomes às ilhas), mas há também, e é mais grave, discordância relativamente à pioneira cartografia italiana do século XV, que já representara correctamente os Açores; estas ilhas situavam-se, aliás, muito mais para o largo da costa do que as míticas Cassitérides ptolomaicas, não sendo por isso explicável que Bordone as tivesse reunido em um só grupo, e na posição geográfica já assinalada.

De qualquer modo, porém, não se pode ser muito crítico em relação a Bordone, já que, a respeito da identificação dos Açores com as Cassitérides, ele apenas nos transmite uma lenda que teve, mesmo posteriormente, larga aceitação <sup>(15)</sup>; e, a tal ponto, que ainda hoje se discute se as *dez* ilhas de Ptolomeu (e também de Estrabão), que, as respectivas tábuas, com evidência colocam na situação de ser topograficamente impossível confundir com as *nove* ilhas açoreanas, não foram de facto visitadas pelos mercadores fenícios, apesar de no subsolo dos Açores que conhecemos não existir traço de chumbo ou de estanho.

Discussão de resto estéril, em minha opinião, pois estou quase certo de que todas essas notícias são inteiramente destituídas de fundamento; como igualmente considero que o é o pormenor, que Bordone transmite, de algumas ilhas se encontrarem povoadas e outras desertas e «sem qualquer habitação». A afirmação é desde logo falsa, se o Autor se reportasse à data do descobrimento do arquipélago, pois as ilhas «de baixo» e «do centro» foram encontradas sem habitantes em 1427 ou em 1432 por Diogo de Silves, e Flores e Corvo também estavam despovoadas quando marinheiro desconhecido as encontrou, provavelmente logo depois de 1450; mas é igualmente falsa para o tempo em que Bordone escrevia, pois no início do século XVI já todas as ilhas açoreanas tinham sido povoadas.

Suponho ter interesse salientar, ainda a respeito dos arquipélagos de que venho tratando (Açores e Cassitérides, um real e outro mítico!), que «Azores» é para Bordone uma única ilha, situada numa posição relativamente próxima do «mundo novo», a Sul de duas ilhas lendárias («brasil» e «asmaide» — ou

<sup>(15)</sup> Paul Gaffarej, *Histoire de la Découverte de l'Amérique, depuis les Origines jusqu'à la Mort de Christophe Colomb*, Vol. I, Paris. 1892, p. 42.

seja, «as maidas») e da já referida «terra de laboratore» (— Lavrador), esta bastante incorrectamente representada no desenho <sup>(16)</sup>.

4. Feitas estas considerações, que se revestem de um carácter geral, dedicarei especial atenção à representação dos arquipélagos atlânticos, de acordo com uma observação antes feita, por absoluta impossibilidade de transmitir aqui uma opinião acerca de todas as cartas de Bordone. Ocupar-me-ei dos arquipélagos dos Açores (que se duplicam, em parte, nas Cassitérides, como acaba de ser dito), da Madeira, das Canárias e de Cabo Verde; para me não alongar além de limites razoáveis, só rapidamente falarei das ilhas das Caraíbas, parcial e especialmente representadas em várias lâminas; devo advertir, porém, que o seu estudo se reveste, em meu entender, de muito interesse.

A primeira das duas cartas que representam o arquipélago da Madeira, é fora de dúvida dedicada a Porto Santo, ilha que está arrumada no canto superior esquerdo do desenho, de modo que fique evidenciada a sua posição relativamente à Madeira e à África, ou à área da África a que Bordone dá o nome tradicional de «Getúlia». A ilha apresenta-se aí com uma configuração exageradamente grande em relação à Madeira, embora esta só em parte esteja representada; por outro lado, o conjunto das duas ilhas está deformadamente aproximado da costa africana, se tomarmos como padrão uma qualquer dimensão no esboço da ilha de Porto Santo, ou a sua distância à Madeira.

Por outro lado observa-se que o contorno da parte da Madeira desenhado na tábua a que me venho referindo, se não conforma com a carta da ilha principal do arquipélago, impressa na fl. XVI; o desenho também é, de resto, muito diferente do esboço de Valentim Fernandes, que, apesar de defeituoso, talvez se possa considerar mais realista. No seu traçado, Bordone, além da indicação genérica de «Madera», assinalou quatro topónimos:

<sup>(16)</sup> Já atrás remeti o leitor para um texto sobre a possível origem da «ilha perdida» denominada «Brasil» (Ver nota 8); ver também W. H. Babcock, «The so-called mythical islands of the Atlantic in the mediaeval maps», *The Scottish Geographical Magazine*, Vol. XXXI (1915), pp. 261-269, 315-320 e 360-371. O problema de «Maidas» ou «Maides», ilha que persistiu na Cartografia até o século XX (1906!) nunca logrou encontrar uma explicação plausível; Babcock supõe que o mito é de origem árabe, mas não encontrou suficientes provas (e nem sequer atende a razões filológicas) para a sua conjectura; vide W. H. Babcock, «The problem of Mayda, an island appearing on Mediaeval Maps», *The Geographical Review*, Vol. IX (1920), pp. 335-346.

Santa Cruz [= Santa +], Câmara de Lobos [= Cañera de lioni (sic)], Funchal [= Funzal] e Machico [= Monezico] (17).

O hibridismo da obra torna-se ainda mais evidente quando nela se referem as ilhas Afortunadas ou Canárias. É certo que Bordone começa por propor uma identificação de uma das antigas Afortunadas com uma das Canárias: «Quase trezentas léguas para Sul da Madeira está a ilha chamada pelos antigos Antola ou ainda Giunone, nos nossos tempos Lançarote...» (fl. XVI) ; a despeito desta identificação, o Autor irá apresentar sucessivamente o arquipélago segundo a tradição, aliás deturpada, de Ptolomeu e Plínio, para se preocupar depois, sobre uma tábua diferente, das Canárias de acordo com a realidade. Para qualquer dos grupos nota-se uma discrepância entre o texto e as respectivas lâminas que o ilustram; assim, e quanto às ilhas Afortunadas, na exposição citam-se apenas o nome de três (Casperia, Ninguaría e Canaria), no desenho juntaram-se-lhe outras tantas (Ombría, lunone e Pinturia), dispondo-se o conjunto na direcção norte-sul, ao longo de um meridiano e ao largo da costa africana, sendo esta, aliás, fantasiosamente esboçada, quando alguns topónimos de difícil ou impossível identificação (18). Quanto às Canárias reais, no contexto cita Lançarote, Forteventura, Grã Canária, Tenerife, Gomera (no texto «Ginera»), Palma e Ferro; acrescenta que parte delas eram habitadas por cristãos, e outras por idolatrias, e afirma que produziam urzela, que Tenerife era a ilha mais alta do mundo, que os nativos habitavam nas grutas das montanhas, que se defendiam com pedradas certeiras — enfim, dá todo um conjunto de informações interessantes e quase sempre correctas; no traçado da lâmina que ilustra estas considerações, não se indica o nome da última, e «Ginera» (que acima tomei por Gomera) que vem agora apontada na forma «Azore» que supõe-

(17) A carta de Valentim Fernandes vem na fl. 26r do códice (*ed. cit.*, Est. 3, em hors-texte); as indicações toponímicas são em maior número que as indicadas por Bordone (cito-as: «punta de san lourenço», «machico», «funchall», «punta do cerco», «camara de lobos» [topográficamente deslocada], «Ribera brava», punta do Ssoll», «punta do parvo», «fayall», «janela de clara»),

(18) Na verdade, esta nomenclatura não é, por exemplo, a da edição de 1478 da *Cosmographia*, já antes citada. Coincide com ela a respeito das ilhas «Casperia» (—Cisperia), «Canaria» e «Pintuaría»; mas as outras três ilhas do grupo têm, nessa edição ptolomaica, os nomes de «Aprositus», «Here» e «Pluitala», topónimos muito diferentes dos do Autor italiano. Acrescentarei que nessa edição o conjunto é designado por «Fortunate Insulae», e as seis ilhas estão dispostas aproximadamente sobre um meridiano; o número e a disposição são, por consequência, semelhantes no *Isolário*.

nho equivalente àquela; no entanto, ignoro porque razão tal se deu, nem sei como explicar a anomalia. Contrariamente às Afortunadas, que, como notei, estão alinhadas no sentido de um meridiano, estas dispõem-se segundo um paralelo, que corre por latitudes abaixo do paralelo norte de «Getúlia», assinalada no continente africano (19). O Autor tem, no entanto, o cuidado de nos informar — o que oferece interesse para o ponto de vista aqui sustentado — que, no seu tempo, ainda os autores por vezes divergiam quanto ao número e quanto ao nome das ilhas, e também a respeito da sua relativa distribuição geográfica. Isto não pode deixar de ser considerado insólito, dado que desde o final do século XIV todas as ilhas do arquipélago tinham sido bem reconhecidas, e estavam de há muito bem cartografadas — e até por vários bons cartógrafos italianos (20).

Antes de passar adiante acrescentarei que nesta mesma tábuia (fl. XVIIIV.), além de algumas ilhas de Cabo Verde (a que voltarei) o desenhador apontou junto à costa a «i. bianca» (Ilha Branca) a «i. delle gaze» (das Garças) e «arguin» (Arguim) — e também uma ilha espúria denominada «cuori» e o topónimo «libya de sotto», este apontando para o continente africano; de Arguim informa o texto, e com verdade, que «é boa ilha, com muito boa água, sobre a qual os Portugueses fizeram uma boa fortaleza», aludindo ainda aos produtos que aí intensamente se trocavam (prata, panos, tapetes, etc.). É de notar também que a figuração da ilha das Garças e da fortaleza de Arguim estão demasiadamente próximas das ilhas de Cabo Verde (21).

Destas o desenho da fl. XVII v. apenas representa quatro ilhas, de contornos arbitrários e também arbitrariamente orientadas no sentido leste-oeste, tal como sucede com as Canárias; além das quatro ilhas indicadas pelos seus nomes («s. uincentio», «S. Jacobo», «S. nicolo» e «S. antonio» — ou seja, S. Vicente, Santiago, S. Nicolau e Santo Antão), vêem-se no desenho mais quatro ilhéus inonimados que não podem, quer

(19) É de notar que na lâmina (fl. XVII v) apenas estão nomeadas seis ilhas; falta a de Ferro, mas há no desenho uma sétima ilha sem nome.

(20) Aliás na edição de 1513 de Ptolomeu, impressa em Estraburgo, que o Autor pode ter conhecido, embora mantenha as ilhas fantásticas «Brasil» (a poente de Gales) e «Maidas» (ao largo do Golfo de Biscaia) já apresenta muito correctamente os arquipélagos dos Açores, da Madeira, de Cabo Verde e das Canárias — sem excluir a ilha de «Ferro».

(21) Sobre a ilha de Arguim veja-se a recente e exaustiva monografia de Théodore Monod, *Vile d'Arguin (Mauritanie). Essai Historique*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983.

pelas suas dimensões relativamente às dos restantes, quer pelas suas colocações, representar algumas das seis ilhas principais do arquipélago que não foram expressamente nomeadas.

Já na parte final deste livro Bordone faz grande confusão com os Açores, que mistura com ilhas imaginárias, e que já antes, como se viu, incorporava nas Cassitérides. Ele diz que, além das ilhas que acabara de referir, se encontram outras, colocadas «incontrolo Portogallo», «uma das quais se chama Sagomi» e estava quatrocentos e oitenta milhas para noroeste da ilha da Madeira — o que, como é evidente, a localizava a grande distância de Portugal. No mesmo rumo encontrar-se-ia o arquipélago «gli Astori» (os Açores) ; entre os quais se encontram as ilhas de «S. Giorgio» (S. Jorge, em duplicação da ilha homónima incluída no grupo acima referido), «Asmaida» e «Brasil» — estas duas «ilhas perdidas», que a fantasia de muitos cartógrafos ia colocando em várias posições do Atlântico Norte, como já anotei <sup>(22)</sup>. É curioso observar que a gravura correspondente não está inteiramente de acordo com o texto, pois apresenta quase no centro o grupo denominado «samguini» (uma ilha grande, e três ilhas em redor dela), «S. maria», «astores» (uma só ilha!), «s. georgio», «asmaidas» e «brasil». Se é pouco compreensível esta confusão entre ilhas reais e ilhas míticas, ou de ilhas com arquipélagos, menos desculpável se me afigura a grande perplexidade em que Bordone se encontrava a respeito das ilhas açoreanas, quando numa carta do cartógrafo italiano Cristóforo Soligo, de c. 1455, já o grupo dessas ilhas vem completamente representado e com uma disposição geográfica muito próxima da exacta.

A respeito das Antilhas, não são menores as hesitações e os desacertos de Bordone. Darei alguns exemplos.

No texto começa por se referir à ilha Espanhola (ou seja, ao Haiti) e aponta que para nordeste se encontra a ilha de Cuba, o que está certo; todavia, na gravura da fl. XI verso, a Espanhola e a Jamaica, apresentadas numa aceitável orientação leste-oeste, têm contornos muito junto de uma grande ilha, (inexistente, de facto) ou então da costa da Venezuela, neste caso irrealistamente aproximada daquelas duas ilhas e com topónimos não identificáveis.

Bordone alude porém no texto, muito correctamente, à fortaleza denominada Isabel, que de facto Colombo fez edificar no Haiti, aliás com pouco sucesso, pois quando o genovês ali

<sup>(22)</sup> São muito frequentes ainda na cartografia do século XVI; vide nota 16.

voltou na segunda viagem a guarnição de um pouco menos de cinquenta homens tinha sido trucidada pelos habitantes.

O autor dedica, de resto, particular atenção à Jamaica e a Cuba, dando de ambas as ilhas representações cartográficas não muito felizes. Da Jamaica diz estar situada a 70 milhas a poente do Haiti, e elogia o engenho dos seus habitantes, comparando a ilha à Sicília. Detém-se mais ao falar de Cuba, a respeito da qual observa, com exactidão, ter «uma forma longa» — forma que, aliás, não é evidenciada na estampa da fl. XII verso, em que se pretendeu dar a representação cartográfica da ilha, não só de um modo bem pouco aproximado, como também com pequenas ilhas adjacentes que, de facto, não existem.

Incorrecções cartográficas podem igualmente ser apontadas no desenho de algumas Pequenas Antilhas que Bordone nos apresenta no fl. XII, e que foram visitadas por Cristóvão Colombo na sua segunda viagem. De todos os nomes dados pelo grande navegador, apenas o de Dominica passou à estampa impressa no livro (na fl. XIV), embora na folha imediata se represente isoladamente a ilha de Guadalupe, tal como fora denominada pelo almirante; todavia, no conjunto das Pequenas Antilhas que na primeira lâmina citada se indicam, são dados seis nomes a outras tantas ilhas que nada têm a ver com as designações colombianas; aliás, a disposição do conjunto encontra-se em visível desacordo com a realidade.

Todas estas faltas de exactidão são de surpreender, não só porque a área de que se trata era bastante bem conhecida no tempo de Bordone (os descobrimentos de Colombo tinham sido feitos mais de um quarto século antes da edição da sua obra), mas também porque se generalizara já uma representação cartográfica muito aproximadamente das massas insulares das Caraíbas; basta citar, como exemplo, o caso de uma carta incluída no atlas de Lopo Homem-Reineis, existente na Biblioteca Nacional de Paris, e datando de 1519.

5. Do que vem de ser dito parece-me possível extrair algumas conclusões imediatas. Em primeiro lugar, é evidente que Benedetto Bordone dispôs de fontes eruditas, algumas até radicadas no imaginário medieval, e de fontes que provinham das grandes viagens oceânicas iniciadas aproximadamente um século antes da primeira edição do seu livro; confunde os dados que uma e outra corrente lhe fornecem, daí resultando que as suas ilhas e os seus arquipélagos, mesmo quando se apresentam de acordo com uma toponímia actualizada, são irreais nos contornos das massas insulares, na disposição em que se orientam, e até na posição relativa entre si. Por outro lado, Bordone teve

escrúpulo em referir ilhas que não pudesse aparentar com as de uma Geografia tradicional, pois possivelmente só essa reserva poderá explicar que omitisse todas as ilhas do Golfo da Guiné, a ilha de Santa Helena, ou as ilhas de Tristão da Cunha, bem conhecidas no seu tempo <sup>(23)</sup>.

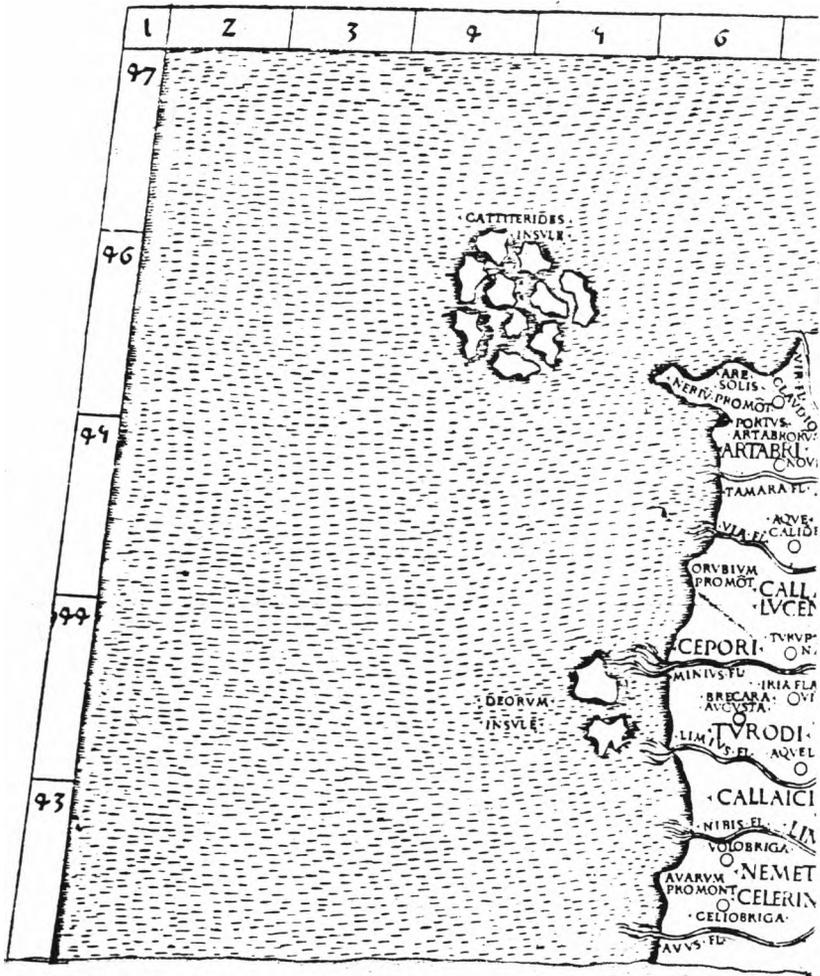
Comparados os seus desenhos com os de Valentim Fernandes, por exemplo, os esboços de Bordone deixam muito a desejar, e é de referir que os do *Manuscrito* compilado por aquele autor alemão ainda não são inteiramente correctos.

Por outro lado, o texto da obra está intimamente ligado a indicações ou lendas transmitidas pela literatura da Antiguidade. Já antes apresentei dois exemplos avulsos deste facto, mas o final do Livro I, dedicado a Gades, é o melhor exemplo que do facto se pode dar, pois todo ele se baseia em informações recolhidas dos clássicos. Nota-se, desde logo, que não há qualquer precisão em localizar o lugar, e por outro lado existem divergências quanto ao nome que vários lhe deram (Gadir, Gades e Eritreia — por ter tido origem em «aqueles que foram levados do mar Eritreo»); o autor alude à edificação de Gades, e à história de que foi na origem desse acontecimento ouvido o oráculo de Apolo, que opinou que se devia navegar até o estreito de Gaspe, «do qual era firme crença que navegar mais além [para poente] não era possível a quem quer que fosse»; feita a navegação, os expedicionários construíram da parte nascente da ilha (Gades é, no texto, apresentada como ilha!) um templo sobre colunas, que vieram depois a chamar-se colunas de Hércules. Acrescenta a esta história ter Políbio afirmado que em esse tempo existia uma fonte de água dulcíssima, «o efeito da qual é inteiramente ao contrário do efeito do mar, pois cada vez que a água da fonte sobe, a do mar desce», e ao contrário. E o texto não se fica por aqui na enumeração das maravilhas e milagres que podem ser observados em Gades, chegando até a citar o poeta Pindaro — mas sem referência a qualquer geógrafo ou cartógrafo!

Em resumo: o *Isolário* de Benedetto Bordone é um exemplo claro das perplexidades com que o homem europeu do século XVI se deve ter confrontado a respeito dos conhecimentos a que tinha acesso. O peso da tradição era muito grande, e só os homens práticos puderam mais rapidamente sacudi-lo, embora por vezes experimentando hesitações; para os eruditos, esse acto de libertação era um passo mais difícil de dar. Aca-

<sup>(23)</sup> Quanto às ilhas do Golfo da Guiné já ficou dito que elas estão (mal!) representadas numa «*tabulae novae*» de Africa da edição ptolomaica de Estrasburgo, 1513.

baram por vencer a rotina, e dar lugar a que a ciência moderna se expandisse e vencesse; em alguns casos, convém reconhecê-lo, com dificuldade. E a permanência de ilhas míticas, até ao século XIX, como a de «S. Brandão», ou até ao século XX, como a de «Maidas», bem o comprova.



ft'ig. 1 — As Cassiterides de Ptolomeu, dispostas circularmente a nordeste da Península Ibérica, segundo a edição de Roma, 1478.

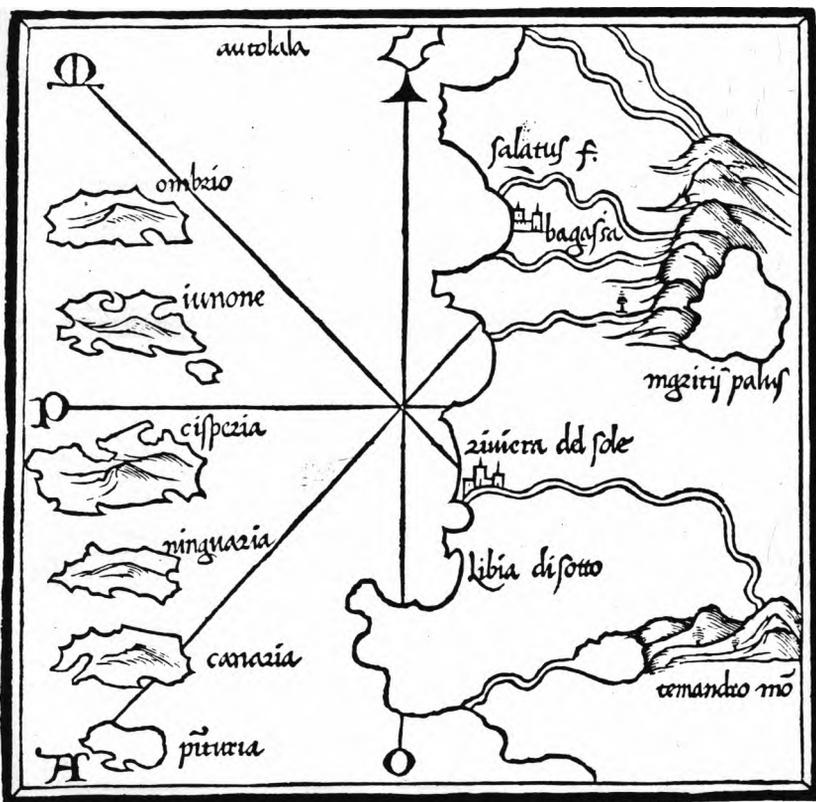


Fig. 2 — Conjunto de ilhas, identificáveis com as do grupo das Canárias, segundo Bordone, mas de acordo com a tradição ptolomaica.

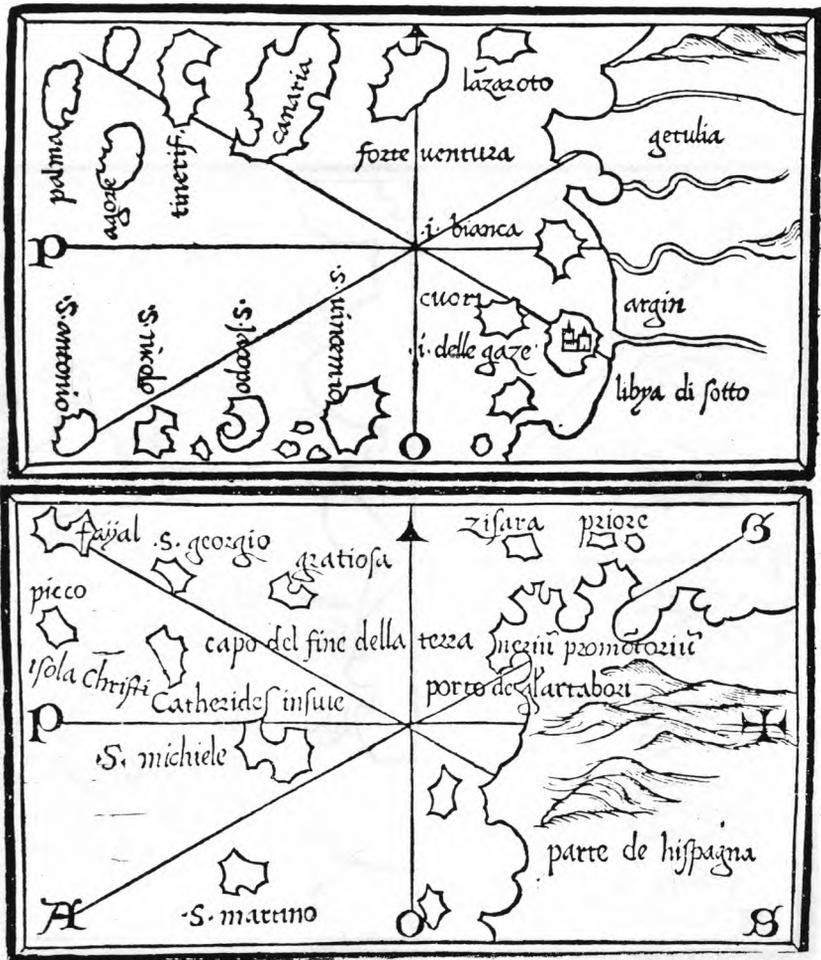


Fig. 3 *Arquipélagos das Canárias e de Cabo Verde segundo Benedetto Bordone. De notar a sua orientação errada e os toponimos junto à ou na costa africana.*